

PROCÓPIO, Adélia de Souza ; **SOUZA**, Dalva Maria B. de L. D. de.

“Quando amar é sofrer”: um estudo dos discursos sobre gênero e afetividade das Mulheres que Amam Demais Anônimas.

Palavras-chave: discursos, gênero, afetividade, feminilidade

Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia

adeliasprocopio@hotmail.com; dalvaborges@brturbo.com

Introdução

Neste texto apresento um balanço de uma pesquisa em andamento em nível de mestrado. O estudo tem como foco os discursos sobre gênero e afetividade Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA). Tenho como alvo tanto os discursos do grupo, enquanto programa de recuperação, quanto as concepções das frequentadoras sobre o tema. No momento, ainda não sistematizei a análise do material empírico. Dessa forma, apresento aqui apenas reflexões no intuito de problematizar questões a serem aprofundadas e que têm orientado a continuidade da pesquisa. De acordo com o MADA, “amar demais” é a dependência de relacionamentos, um padrão de comportamento obsessivo-compulsivo, no qual as mulheres buscariam relacionamentos destrutivos, que lhes causaria sofrimento, e os quais não conseguiriam romper. Assim, experimentaríamos sentimentos de dependência, descontrole, sofrimento psíquico, raiva, medo, entre outros, além de doenças e acidentes causadas pelas situações conflituosas. Ainda assim, não conseguiriam se libertar deles, daí a concepção de que “amam demais”, e que isto significa sofrer. Ressalte-se que esta adicção é considerada, pelo grupo e pela literatura especializada, especificamente feminina. Amar demais seria uma doença que só teria cura pela prática do programa de recuperação. Este visaria que as mulheres alcançassem a autonomia e aprendessem a se relacionar de forma saudável. A hipótese do trabalho é que o grupo, a despeito de buscar a saúde e autonomia das mulheres, reproduz “clássicos” discursos acerca da “feminilidade”, como a afetividade excessiva e o descontrole emocional.

Material e método

Busco apreender os discursos do MADA, primeiramente, a partir dos textos adotados – um livro básico, leituras indicadas, a apostila do grupo, textos presentes nos *sites*. Acompanho também os depoimentos de mulheres nos sites, onde também entro em contato com mulheres por meio do MSN-Messenger. Ainda, pretendo realizar entrevistas presenciais e continuar assistindo reuniões. Dessa forma, os métodos e técnicas incluem observação participante, análise do discurso, e entrevistas.

Discussão

De acordo com Rodrigues (1992), existe um a representação ideológica em torno das relações-afetivos sexuais em que tanto a monogamia, quanto a associação da sexualidade a um profundo e intenso vínculo afetivo, são considerados atributos femininos. Há uma representação, tanto no chamado senso comum, quanto nas ciências, de que a esfera dos afetos é um domínio feminino, seja via socialização ou como qualidade natural.

Historicamente persistem simbolismos diferenciados e quase sempre negativos associados às mulheres (BOURDIEU, 1998). Estes se expressam sobretudo no que se refere à afetividade feminina, sobre a qual existem discursos de longa data. Na tradição judaico-cristã as representações sobre o feminino oscilam entre o amor (Maria) e o mal (Eva) (NUNES, 2000). As mulheres têm sido apresentadas associadas à natureza (descontrole) em

oposição aos homens associados à cultura (razão). Outras representações são as imagens das mulheres como anomalia, impureza, perturbação e como perigo à ordem social (ORTNER, 1979). Essas representações inserem-se num conjunto mais amplo de discursos acerca da feminilidade, tendo seu ápice no século XIX, quando começa-se elaborar teorias científicas que buscam justificar as diferenças entre homens e mulheres. Nessa época observa-se uma intensa medicalização do corpo feminino e a constituição de um discurso patologizante da sexualidade e afetividade feminina, sobretudo pela psiquiatria, o que Foucault (2005) chamou de histerização do corpo feminino. Tal discurso fez parte de uma estratégia de regulação do corpo feminino com vistas a circunscrever as mulheres à esfera doméstica e à maternidade. Isso está ligado, entre outros fatores, à constituição da família burguesa. A histórica foi a personagem privilegiada dos discursos médicos. Já no século XX, interpretações psicanalíticas da obra de Freud consolidam uma imagem da ligação do feminino ao masoquismo (NUNES, 2000).

Alguns estudos apontam a impossibilidade de se compreender a afetividade e a vivência de relações amorosas sem considerar a desigualdade histórica nas relações de gênero, sobretudo os papéis e posições atribuídos às mulheres no amor romântico. (VAINFAS, 1986). Outras pesquisas (GIDDENS, 1993; BAUMAN, 2004) apontam para mudanças significativas nas relações amorosas e na sexualidade na modernidade, sobretudo nas últimas décadas. As relações amorosas vêm ganhando, cada vez mais, espaço, visibilidade e autonomia no cotidiano dos sujeitos, oferecendo-se como um espaço privilegiado de conflitos e de auto-representação do outro (RODRIGUES, 1992). Estas transformações nas relações pessoais acompanham mudanças econômicas, políticas e sociais, e principalmente estão ligadas às transformações nas relações de gênero reivindicadas, especialmente pelos movimentos feministas. Estas mudanças estariam levando a uma crescente igualdade entre os gêneros nas relações amorosas, seguindo as outras transformações nas relações de gênero e na condição das mulheres (GIDDENS, 1993; HEILBORN, 2004). No entanto, algumas(uns) pesquisadoras(es) afirmam que muitas desigualdades de papéis nas relações amorosas permanecem, outras reconfiguram-se. Os relacionamentos não estariam sendo vivenciados com igualdade, apesar desta ser uma ideologia presente em alguns segmentos sociais (BARBOSA e PARKER, 1999).

Benlloch (2005) aponta o surgimento de novas formas de sexismo e a contínua reconfiguração de desigualdades de gênero. A despeito das conquistas das mulheres surgem novos discursos que procuram depreciá-las, inclusive científicos. Na medida em que as ciências continuam elaborando constantemente justificativas para as “diferenças entre homens e mulheres” de alguma forma ratificam as desigualdades. Num contexto em que segmentos de algumas ciências, principalmente biologia, medicina e psicologia incessantemente procuram demonstrar os “fundamentos científicos das diferenças entre os sexos”, há intensos debates nos estudos de gênero e nos estudos feministas que procedem a uma crítica sobre as versões naturalizadoras e essencializadoras do conceito de gênero. Procurando mostrar que o gênero não é determinado biologicamente e que a identidade de gênero não contém uma essência, mesmo cultural, não é fixa, não é substancial (BUTLER, 2003).

Segundo Giddens (1993), os grupos de auto-ajuda e a produção de literatura sobre dependências são participantes da reflexividade típica da modernidade. Esses são elementos fundamentais da constituição das identidades atuais, que se constroem, de acordo com o autor, a partir do “projeto reflexivo do eu”. Nesse processo é que se dá tanto a vivência cada vez maior de adições, quanto sua maior identificação e surgimento de programas de recuperação. De acordo com Rodrigues (1992), com o processo de modernização brasileira, concorrem para a difusão de novas práticas e costumes – bem como as expressam – o desenvolvimento e a proliferação da psicanálise e de inúmeras psicoterapias. Para a autora isso constituiu importante auxílio na elaboração de uma auto-representação, conquista esta fundamental para a construção da autonomia, melhor negociação entre os indivíduos, bem como para os processos de auto-reconstrução. Já Foucault (2005), tem uma perspectiva mais crítica a respeito das relações de poder que permeiam a construção de saberes que organizam vida pessoal, especialmente a sexualidade. Outros autores, como Bauman (2005) e Demo (2003) criticam, sobretudo, a auto-ajuda, acusando-a de ser uma falsa promessa de autonomia e significando na prática maior dependência.

Conclusões

A partir dessas discussões teóricas procurarei levantar questionamentos que permitam problematizar a proposta do MADA indicar caminhos para a pesquisa. Os grupos de Mulheres que Amam Demais Anônimas, enquanto programas de recuperação, adotam e produzem discursos que relacionam gênero e afetividade. O simples fato de serem grupos de mulheres que se reúnem para tratar de uma “doença” relacionada a sua afetividade já é relevante para essa compreensão. Ainda mais, a “doença amar demais” é considerada tipicamente feminina. Norwood (2005), que escreveu o principal livro adaptado pelo grupo, chega a afirmar que a maioria das mulheres já amou demais. Na descrição dos comportamentos masculinos pela autora, há uma visão maniqueísta. Os homens são divididos entre “gentis e agradáveis”, por um lado, e “cruéis”, por outro. Além disso, os comportamentos dos homens “inadequados” sempre fogem aos padrões hegemônicos da masculinidade. Acrescente-se que, a vivência de relações homossexuais femininas é absolutamente ignorada.

Na caracterização do padrão de comportamento “amar demais” o grupo reproduz inúmeros discursos sobre estereótipos associados à feminilidade que foram apresentados no referencial teórico desse trabalho: descontrole emocional; afetividade exacerbada; dependência; irracionalidade; incapacidade para escolhas; centralidade em suas vidas de amor e relacionamentos; vulnerabilidade a doenças mentais e emocionais; fraqueza de vontade; necessidade de um controle exterior; incapacidade para escolhas; incapacidade de autodiagnóstico; perturbação da ordem, entre outros. Destaque-se que a caracterização dessas mulheres por Norwood (2005) como “viciadas” em sofrimento e com comportamentos mórbidos e insanos apresenta semelhanças com o perfil da histérica e da masoquista do século XIX.

Apesar de ligar o padrão “amar demais” às mulheres, a literatura até aqui consultada utilizada pelo grupo não apresenta explicações para a constituição das identidades de gênero, nem mesmo numa linguagem “leiga”, apenas sugerindo que existem “fatores biológicos e culturais” envolvidos (que não são apresentados). As relações sociais de gênero e sua ligação com a

vivência dos relacionamentos amorosos são praticamente ignoradas. As desigualdades e relações de poder entre os gêneros não são mencionadas. Os grupos MADA não estariam reproduzindo uma visão biologizante, psicologizante, naturalizadora e essencializadora de gênero? Além disso, não haveria uma patologização das mulheres?

Os grupos MADA devem ser incluídos no contexto dos programas de recuperação, mas voltados para uma “dependência” especificamente feminina. Esses grupos, apesar de autônomos, partilham das teorizações da psiquiatria e, sobretudo psicologia, tanto no que se refere à regulação das emoções (no caso as femininas), quanto das propostas de auto-ajuda. Atualmente há uma extensa produção de literatura de auto-ajuda, principalmente voltada para mulheres. Essas propostas podem ser pensadas, a partir de Foucault (2005), como estratégias de normatização das condutas, que têm nos aspectos relacionados à sexualidade, sobretudo a feminina, seu lugar privilegiado. Para compreender as concepções do MADA poderíamos pensar na necessidade que as “sociedades ocidentais disciplinares”, de acordo com Foucault (2005), têm de controlar o que parece fugir à ordem. De qualquer forma, partindo do pressuposto de que os discursos também produzem subjetividades, o padrão “amar demais” é uma forma de subjetivação possível para homens e mulheres. Como poderíamos pensar a especificidade das mulheres nesse padrão?

Já pode ser considerada questionável a concepção de que as mulheres são “especialistas do coração”, como quer Giddens (1993). Muito mais duvidosa, porém, é a noção de que o amor seja um lugar de exercício do poder das mulheres, como diz o autor. Algumas perspectivas aqui apresentadas (BEAUVOIR, 1949) mostram como o amor romântico tem sido para a maioria das mulheres lugar de sofrimento e de opressão. A vivência das relações amorosas não pode ser pensada dissociada das relações desiguais entre homens e mulheres.

A “amorosa” que descreve Beauvoir (1949) não seria um paralelo interessante para se pensar o padrão “amar demais”? Essa forma de subjetivação não estaria relacionada a uma identidade degradada construída pela experiência de mulheres que são desvalorizadas em diversos campos da vida, como diz a autora? Como afirma Nunes (2000), quando trata do masoquismo, não seria uma “tentativa desesperada de fugir do desamparo”? Não é fruto da falta de reconhecimento das mulheres, como diz Benlloch (2005)? Além disso, é possível pensar nas mulheres de uma forma homogênea em relação ao amor? Depois de todos os esforços dos estudos de gênero e dos estudos feministas para retirar qualquer natureza ou essência (mesmo cultural) do termo gênero (PISCITELLI, 1998), é razoável pensar que, mesmo pela socialização, as mulheres teriam “vocaçào para o amor”? Poderíamos pensar que a “idealização de uma identidade feminina romântica” se aplica às sociedades ocidentais atualmente? E na medida que exista, determina comportamentos? Nos jogos de poder que permeiam as relações amorosas, as mulheres ocupariam sempre a posição de subordinação, de passividade? Teorias pós-estruturalistas como a de Butler (2003) nos ajudam a pensar na relativa fluidez do gênero, na diversidade do que chamamos “mulher” e perceber que apenas o gênero não determina identidades, comportamentos, valores idênticos. Como compreender que, a despeito de todas as mudanças de condição e posição das mulheres, todos os dias se reconfigurem novas

desigualdades e sexismo, que não se reduzem ao simbolismo negativo (BENLLOCH, 2005) ? Note-se o imenso sucesso do livro de Norwood e o grande crescimento dos grupos MADA. Como explicar que as próprias mulheres consumam e reproduzam esse tipo de discurso? Como situar os discursos dos grupos MADA sobre gênero e afetividade? Essas são questões que norteiam a pesquisa em curso e que estão sendo aprofundadas.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Maria R. Negociação sexual ou sexo negociado? In: BARBOSA, Regina M.e PARKER, Richard (orgs.). Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; São Paulo: Editora 34, 1999, p. 74-87.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BEAUVOIR, Simone. A amorosa. In: O segundo sexo. Vol. 2. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949, p. 411-438.

BENLLOCH, Isabel M. Construcción psicossocial de los modelos de género: subjetividad y nuevas formas de sexismo. In: CASTILLO-MARTÍN, M. e OLIVEIRA, S. (orgs.). Marcadas a ferro: violência contra a mulher: uma visão multidisciplinar. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005, p. 104-134.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DEMO, Pedro. Auto-ajuda: uma sociologia da ingenuidade como condição humana. Petrópolis: Vozes, 2005.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: A vontade de saber. 16 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal 2005.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

HEILBORN, Maria L. Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

NORWOOD, Robin. Mulheres que amam demais. 28 ed. São Paulo: Arx, 2005.

NUNES, Silvia A. O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza está para a cultura? In: LAMPHERE, Louise e ROSALDO, Michelle Z. (coord.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 95-120.

PISCITELLI, Adriana. Gênero em perspectiva. Cadernos Pagu (11). Campinas: Pagu – Núcleo de Estudos em Gênero/UNICAMP, 1998, p. 141-155.

RODRIGUES, Almira. Relações amorosas: uma incursão sociológica no processo amoroso. Brasília . UNB, Departamento de Sociologia, dissertação de mestrado, 1992. Mimeo.

VAINFAS, Ronaldo. Casamento, amor e desejo no ocidente cristão. São Paulo: Ática, 1986.